

## Ativismo e Desmobilização: Um Estudo Qualitativo com Militantes em Pelotas

Rúbia Silva

*Universidade Federal de Pelotas –  
Universidade Federal de Pelotas – rubiak26@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como base entrevistas com ativistas envolvidos em movimentos sociais que residem atualmente na cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul. Primeiramente as observações etnográficas e a entrevista semi-estruturada permissão dos ativistas, não houve nenhuma alteração do que foi reportado aos pesquisadores.

O objetivo principal da pesquisa foi é ligar a discussão sobre a vivência da militância no Brasil, especificamente em Pelotas, através de uma história de vida, com a pesquisa dos ativistas brasileiros assassinados- dados da CPT dos anos 2000 até 2024.

A proposta inicial foi realizar uma intercessão e verificar se as ações cometidas contra grupos de ativistas ou militância social acabam impactando de alguma maneira individual ao participante de lutas sociais na comunidade.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia usada referente à pesquisa foi qualitativa, utilizando como principal construto teórico é a interdisciplinaridade. Esta, não foi usada somente durante a colheita de dados, como também durante a etnografia como ponte para realizar a ligação entre as informações recebidas e transformadas em texto. Primeiramente, realizamos uma visão de literatura e referência bibliográficas para pesquisa sobre dados dos Ativistas brasileiros assassinados usando o software Excel como ferramenta de organização dos dados já previamente coletados pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Nesta organizamos as, tabelas separadas por – ano, movimento social, ativismo, data, ano, idade, estado, cidade, autoria e outras informações, estes separados por ano desde 2000 até ano de 2024.

Com base nas pesquisas feitas, tivemos a ideia de realizar entrevistas com pessoas de diversos círculos sociais dentro do ativismo em Pelotas, com o objetivo principal buscar alguma informação sobre a violência e sua eventual desmobilização em sua vivência no ativismo e militância. Como começou e se ainda faz parte ou não, por exemplo, eram perguntas norteadoras. Para as entrevistas foi usado o método da interação com o entrevistador e não somente escutar, ter uma observação participativa. Foi usado um espaço aberto para que o entrevistado ficasse o máximo confortável, um celular para ser gravado e usado um site para fazer uma transcrição do que foi dito.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao serem realizadas as entrevistas, observamos que o ativismo vai muito além de pautas políticas ou ideológicas. A influência que cada cidadão carrega em sua trajetória impacta diretamente em seu modo de pensar, agir e se expressar. Na primeira entrevista, realizada com Alexander, 37 anos, percebemos, a partir de

suas perspectivas, que desde a infância ele vivencia e é influenciado por pautas da militância. Criado por uma família periférica e quilombola do Rio de Janeiro, Alexander cresceu cercado por pessoas que, aos poucos, moldaram seu pensamento crítico diante de uma realidade desigual, especialmente em comparação com indivíduos de maior status financeiro. Em um ambiente hostil, marcado pela violência de milícias e pelo tráfico de drogas, as oportunidades que surgiram em sua vida pessoal e acadêmica foram conquistadas por meio da luta e da resistência, tendo a arte como principal ferramenta. Memórias e saberes foram transmitidos por gerações da comunidade que o cercava. Já adulto, vivendo uma realidade distinta da que conheceu, e atualmente morando em Pelotas, ele permanece ativo na militância, embora com pautas diferentes — atuando principalmente pelos direitos da comunidade LGBTQIA+, pela sobrevivência dos grupos artísticos de Rap e Slam femininos, entre outras lutas.

Conjuntamente, partindo do entendimento de que a militância começa, inicialmente, de forma individual, cabe refletir sobre situações cotidianas para compreender em que momento essa atuação passa a ser coletiva. Ao entrevistar a segunda participante, observamos que sua militância teve início ao chegar à cidade de Pelotas — e também ao Brasil. Mulher negra e travesti, Biba Manicongo, 33 anos, vinda de outro país, passou a ter acesso a mais informações e à liberdade de vivenciar sua identidade e seu corpo. Por ser travesti e negra, relatou experiências de violência como transfobia, xenofobia e racismo. Contudo, diante dessas agressões, sentiu o desejo de retribuir, de alguma forma, o carinho e o respeito que recebeu da comunidade LGBTQIA+ e da militância quilombola, que a acolheram durante os conflitos. Hoje, atua em pautas militantes tanto de forma individual quanto coletiva, dentro e fora das instituições acadêmicas, realizando seu doutorado e espalhando força e resistência por onde passa.

Nesses dois relatos, observamos que o corpo de ambos é utilizado como grito de guerra, transmitindo saberes e resistência por meio de suas vestimentas, falares e expressões artísticas.

*Por fim, a literatura mobilizada também permite considerar, de forma articulada com a abordagem das carreiras militantes, as influências: do campo político; das experiências sociais; e das socializações (particularmente, da socialização via participação orgânica) sobre os ativistas e suas carreiras – em suas dimensão objetiva e subjetiva. A abordagem desses elementos ajuda na apreensão dos efeitos da dimensão sincrônica sobre a dimensão diacrônica das carreiras, permitindo, dessa forma, apreender as transformações resultantes das mudanças de local de atuação e das posições ocupadas.*

O ambiente, portanto, pode se tornar tanto um fator positivo quanto negativo para a atuação dos ativistas. Foi o caso da terceira pessoa entrevistada: estudante de graduação em Sociologia, iniciou sua militância ainda na adolescência, nos anos 2000, integrando o movimento punk de sua cidade. Posteriormente, passou a participar de outros movimentos, como o estudantil, com o intuito de despertar uma consciência política em seus colegas. Sua trajetória acadêmica e adulta foi moldada por essa caminhada militante. No entanto, ao chegar em Pelotas durante a pandemia, houve uma desmobilização em sua atuação. Segundo ele, ainda participa de algumas pautas, mas não está mais ativo como antes.

Assim, ao abordar os itinerários dos ativistas de Pelotas, é possível perceber que suas carreiras são atravessadas por múltiplas dimensões: a socialização familiar e comunitária, os espaços institucionais (como universidades e coletivos), os contextos de violência e acolhimento, e as transformações subjetivas que acompanham o engajamento. A militância, portanto, não é uma linha reta, mas um percurso marcado por rupturas, recomeços e reinvenções — como bem aponta a sociologia das carreiras militantes.

#### **4. CONCLUSÕES**

A partir dos relatos apresentados, é possível compreender que a militância social não se limita a ações políticas ou ideológicas, mas está profundamente entrelaçada com as vivências pessoais, afetivas e profissionais dos indivíduos. Os corpos dos ativistas tornam-se instrumentos de resistência, carregando memórias, saberes e lutas que atravessam gerações e territórios. As trajetórias de Alexander, Biba Manicongo e do terceiro participante revelam que o engajamento militante nasce de experiências concretas de violência, exclusão e pertencimento, e se transforma ao longo do tempo conforme o contexto social e político em que estão inseridos.

Além disso, a pesquisa evidencia que o ambiente pode ser tanto propulsor quanto limitador da atuação militante. A mudança de cidade, o acesso à educação, a convivência com diferentes grupos sociais e até mesmo eventos como a pandemia influenciam diretamente na continuidade ou desmobilização das ações ativistas. Dessa forma, a militância deve ser entendida como um processo dinâmico, que se constrói na intersecção entre o individual e o coletivo, entre o local e o nacional, e entre o passado e o presente. A escuta ativa e a valorização das histórias de vida são fundamentais para compreender os impactos da violência sobre os corpos militantes e para fortalecer estratégias de resistência e transformação social.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LERBACH, B. ABORDANDO ITINERÁRIOS DE ATIVISTAS A PARTIR DA SOCIOLOGIA DAS CARREIRAS MILITANTES .pdf

Violência e Movimentos Sociais no Brasil Reorganização e Desmobilização no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo.pdf

MONTEIRO, A. A.; MONTEZ, M. M.. Sentidos de mobilização e de desmobilização da ação coletiva.pdf

RODRIGUES, A. Ciclos de mobilizada politico e mudanças institutional no Brasil.pdf